

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: Para além do autoritarismo

*Sandra dos Santos Souza*¹

Universidade do Estado da Bahia

*Alexandre Alves da Silva*²

Universidade do Estado da Bahia

*Gisele Ferreira de Amorim*³

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: O presente artigo intitulado “Avaliação da Aprendizagem Escolar: Para além do autoritarismo” busca apresentar um estudo bibliográfico com os principais autores que abordam esta temática, tais como: Esteban (2003); Lima (1994); Luckesi (2011); Libâneo (1990); Sant ‘Anna (1995); Hoffmann (2014); Rabelo (1998). Traz uma abordagem sobre a avaliação de acordo com a tendência tradicional, a avaliação como metodologia visando o processo formativo do educando e a necessidade de atribuímos ao ato avaliativo novas buscas e novos sentidos. Ressalto a importância da Avaliação como um meio constante de fornecer ao educando suporte no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de se mesmo como sujeito existencial e como cidadão.

Palavras chave: Avaliação; Autoritarismo; Transformação.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado com o intuito de pesquisar sobre a avaliação da aprendizagem escolar com a proposta de superar o autoritarismo impregnado nas salas de

1

Discente do curso de pedagogia da Universidade Estadual da Bahia UNEB no campus XVII em Bom Jesus da Lapa. sandra.08santos03@gmail.com. O Artigo foi baseado no projeto de pesquisa sobre a avaliação da aprendizagem escolar como requisito avaliativo do componente curricular PPP IV.

² Mestre em Educação. Docente da Universidade do Estado da Bahia, DCHT, *Campus XVII*. E-mail: alexandrrealve@gmail.com

³ Esp. Educação Especial e Inclusão Social; EP. Psicopedagogia Institucional e Clínica. Docente da Universidade do Estado da Bahia, DCHT, *Campus XVII*. E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com

aula. Para tal, tem como objetivos—compreender a avaliação de acordo com a tendência tradicional, a avaliação como metodologia visando o processo formativo do educando e a necessidade de atribuímos ao ato avaliativo novas buscas e novos sentidos. Este artigo foi solicitado pela professora da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica IV(PPP IV) como nota parcial para o IV semestre de pedagogia.

A avaliação tem se tornado um instrumento de suma importância na prática docente, no entanto, tem sido muito criticada, sobretudo por reduzir-se à função de controle, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram nas provas, segundo Luckesi (2005), os professores não tem conseguido usar procedimentos de avaliação para atender a função educativa em relação aos objetivos, funções e papel da avaliação na melhoria das atividades escolares e educativas. Nesta perspectiva Luckesi afirma que:

A avaliação vem sendo feita, autoritária, meramente classificatória, só para constar e não para intervir, ela acaba comprometendo mesmo a concretização do projeto (...) o professor acaba usando a avaliação como forma de controle, de poder, como uma forma de coerção em sala de aula (LUCKESI, 2005 p. 35).

Neste sentido, a avaliação deveria ser utilizada como momento dialógico do processo para avançar no desenvolvimento e no crescimento do aluno, no que compete aos desafios que a vida lhe coloca evidenciando a aprendizagem enquanto processo contínuo ao longo do desenvolvimento do sujeito (LUCKESI, 2005). Por isso, precisa ser repensada no interior da escola pelo docente, partindo de uma problematização referente à avaliação enquanto processo formativo, favorecendo o desenvolvimento dos alunos na apropriação do conhecimento.

Desta maneira, este tema está de acordo à área de atuação da pesquisadora de forma que irá contribuir significativamente para o enriquecimento profissional. De acordo a este contexto, este trabalho se justifica em razão de como a avaliação da aprendizagem escolar tem se manifestado de forma autoritária na relação pedagógica, sendo que em uma sociedade democrática as relações professor e aluno devem ser recíprocas e não de opressão, pois somente assim se articulará com o processo de ensino de forma efetiva e construtiva. Tal temática desperta interesse por meio de sempre enxergar as contradições entre as propostas sobre a avaliação de aprendizagem e como esta é efetivada no cotidiano da sala de aula.

Considerando-a enquanto recurso punitivo, descontextualizado e aplicado de forma homogênea, sem considerar os múltiplos saberes que esses sujeitos possuem.

Assim sendo, a proposta deste artigo está vinculada a intenção de provocar reflexões, conscientização e contribuir, ao menos em parte, para que professores das escolas que trabalham sob a perspectiva tradicional ampliem suas compreensões, desmistificando certas concepções errôneas acerca da avaliação, pois será de grande significância aos alunos uma vez que, de acordo com os critérios avaliativos terão aprendizagens mais significativas.

2 A AVALIAÇÃO DE ACORDO COM A TENDÊNCIA TRADICIONAL

Segundo Libâneo (1994) uma das tendências educacionais mais antigas, a tradicional coloca o professor como o detentor do saber, considerando o aluno como um depósito vazio para ser preenchido de conhecimento que vem de outras pessoas, ou seja, a educação tradicional defende o aluno como sujeito passivo e o ensino bancário, onde o professor, como aquele que possui o saber absoluto, deve repassar o conhecimento sem questionamentos.

É característica desse modelo educacional o uso de castigos físicos, mentais para aqueles estudantes que não conseguem aprender da mesma forma que os outros, como a utilização de palmatórias, assim como a prática de colocar as crianças de joelhos em carochos de milho ou virados para a parede de costas para os colegas. A prática da aprendizagem das letras sem contextualizar com ações do dia a dia também são resquícios do ensino tradicional. Libâneo, afirma que:

O professor tende a encaixar os alunos num modelo idealizado de homem que nada tem a ver com a vida presente e futura, a matéria de ensino é tratada isoladamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade e da vida (...) é comum nas escolas atribuir-se ao ensino a tarefa de mera transmissão de conhecimentos, sobrecarregar o aluno de conhecimentos que são decorados sem questionamentos, dar somente exercícios repetitivos, impor externamente a disciplina e usar castigos. (LIBÂNEO, 2005, p. 64, 65)

Sendo assim, neste modelo de ensino a avaliação é um instrumento de verificação para saber se o conteúdo foi memorizado pelo aluno que repete o que o professor repassou sem o

direito de expressar sua opinião. Além disso, a avaliação é vista como forma de controlar a disciplina, tendo caráter punitivo, inclusive no âmbito familiar e colabora para competitividade individual entre os alunos. Ainda no que diz respeito ao uso da avaliação, como forma de controle e classificação, Luckesi (2011) afirma que, com o uso do poder, via avaliação classificatória, o professor, enquadra os alunos dentro de normativas socialmente estabelecidas. Daí ocorre manifestações constantes de autoritarismo, chegando mesmo a exacerbação.

Ainda hoje o ensino tradicional está tão impregnado em nossas escolas que se torna difícil mostrar aos professores a necessidade de substituírem os velhos hábitos referentes à avaliação, por modalidades essencialmente humanas, que é possível e preciso ensinar e avaliar de forma diferente. É muito comum encontrarmos provas com características do modelo tradicional, valorizando a decoreba, privando os alunos de pensar e se expressar.

Lima (1994) salienta que as provas e testes passaram a dominar o processo avaliativo num primeiro momento e, atualmente chega a resignificar o próprio processo pedagógico. O objetivo da escola são as provas e testes, e, assim tem perdido o controle sobre a disciplina passando a utilizar-se das provas como instrumento de controle e poder. Nesta perspectiva a inexistência de proposta pedagógica, a redução da escola ao processo de avaliação e a crescente utilização da avaliação como instrumento de exercício de poder. Cada vez mais, educa-se através do medo, para a submissão. Sobre o mesmo assunto, Sant' Anna afirma que:

É preciso, para realizar uma avaliação coerente com objetivos educacionais, levar em consideração a necessidade de uma ação cooperativa entre os participantes do processo, uma ação coletiva consensual, uma consciência crítica e responsável de todos. (SAN' ANNA, 1995, p.28)

Por este ângulo, professor e alunos devem caminhar juntos, em busca dos mesmos objetivos, a partir de então, o aluno não será indivíduo passivo, e o professor, a autoridade que decide o que o aluno precisa e deve saber. O professor não irá apresentar verdades, mas o aluno irá investigar, problematizar, e juntos avaliarão o sucesso das novas descobertas.

Apesar de alguns professores tentarem deixar de ministrarem sua aula de acordo com o modelo tradicionalista, há por parte de colegas, pais e até dos próprios alunos críticas pela forma de se comportar diante da turma, das atividades ministradas em sala de aula, fazendo

com que essa tendência continue presente nos dias atuais, mesmo após tantos estudos mostrarem os prejuízos para a aprendizagem do educando.

Neste sentido, é notória a necessidade de abordar a avaliação num conceito qualitativo, como tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino aprendizagem. Por meio dela, os resultados obtidos no decorrer do trabalho conjunto professor e dos alunos deverão ser comparados com os objetivos propostos, a fim de constar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para correções necessárias, ou seja, uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Onde, para tal, utilizaremos o processo tópico para aprofundarmos estes conceitos e esta prática avaliativa.

2.1 A avaliação como metodologia visando o processo formativo do educando

Segundo Libâneo (1994), na metade da década de 70, com a modificação do quadro político repressivo em decorrência de lutas sociais por maior democratização da sociedade tornou-se possível a discussão de questões educacionais e escolares. Nos anos 90 foi desenvolvida a ideia da “avaliação libertadora/ mediadora” onde o professor deve mediar e a tarefa é o ponto de partida.

Neste sentido, compreende-se que ultrapassando o autoritarismo, a avaliação tem um papel altamente significativo na formação do educando, por isso é fundamental posicioná-la a serviço de uma metodologia que esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social.

A avaliação da aprendizagem deve servir de base para tomadas de decisões no sentido de construir nos educandos conhecimentos, habilidades e hábitos que possibilitem o seu desenvolvimento efetivo, o ato de avaliar deve ser utilizado como forma de repensar a prática docente, com o objetivo de intervir para melhorar o crescimento do aluno. Neste sentido, Luckesi define avaliação como:

Um ato amoroso no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso importa distinguir avaliação de

julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então (e só então), ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança se necessário. (LUCKESI, 2011, p. 205)

Nesta perspectiva, o autor apresenta avaliação como um meio constante de fornecer ao educando suporte no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de se mesmo como sujeito existencial e como cidadão. A avaliação tem o papel de verificar o desempenho e se o aluno está apropriando do conhecimento, ou seja, criar condições para que sejam obtidos resultados daquilo que se deseja alcançar, que é a qualidade do aprendizado do aluno.

Para Sant'Anna (1995) avaliar vai muito além de atribuir um número, pesar, quantificar, qualificar e atribuir um valor quantitativo ou qualitativo, é acima de tudo constatar se a estratégia escolhida, na busca de algo funcionou, isto é, se satisfaz as expectativas.

Assim sendo, a avaliação tem como pressuposto oferecer ao professor oportunidade de verificar, continuamente, se as atividades, métodos, recursos e técnicas que ele utiliza estão possibilitando ao aluno alcance dos objetivos propostos. Sendo assim faz-se necessário trazer uma reflexão para uma avaliação do cotidiano valorizando os múltiplos saberes dos alunos, superando assim a perspectiva autoritária que a avaliação ainda carrega.

Segundo Hoffmann (1951) muitas escolas vêm conduzindo experiências importantes em avaliação. Essas experiências, entretanto, precisam ser divulgadas sem o temor das incertezas, pois essas incertezas deverão nutrir as discussões. É necessária a tomada de consciência gradual e coletiva em nível de escola de modo que ultrapasse os seus muros e transforme-se numa força que influencie a revisão dos significados social e políticos das exigências burocráticas da avaliação. De acordo com Hoffmann:

Para que o processo avaliativo tenha sentido, as propostas educativas precisam estar articuladas em termos de gradação e complexidade. O objetivo é fazer e fazer novos desafios superáveis aos alunos, de modo que as respostas de cada um provoquem o professor a fazer novas outras perguntas sobre elas, sob diferentes formas e provocações. (HOFFMANN, 2014, p.25)

Neste sentido, a avaliação na perspectiva de construção de conhecimento, parte da confiança na possibilidade de os educandos construírem suas próprias verdades e valorização de suas manifestações e interesses, tornando os diferentes saberes dos alunos, que cooperam entre si e debatem os assuntos, um fator fortemente favorecedor da melhoria da aprendizagem, portanto, a avaliação é uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e da ação educativa. Contrária à avaliação tradicional, com tendência a classificar, testar e selecionar, a avaliação mediadora tem como meta dar suporte à construção da aprendizagem significativa e formadora de sujeitos críticos, fazendo com que o aluno venha desenvolver sua própria aprendizagem.

Na prática pedagógica o educando precisa aprender e não somente repetir ao longo do tempo o que já foi feito anteriormente. Pode-se recriar um ponto de vista, um entendimento, uma solução matemática, um texto. E o educador por sua vez, precisa lhes oferecer subsídios para isso, precisa desafiar os seus educandos a recriar, a reconstruir, a reinventar, a se desenvolver.

Para Hoffmann (2014) A avaliação é uma reflexão transformada em ação. Ação essa que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexões permanentes do professor sobre sua realidade, e acompanhamento de todos os passos do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo por meio do qual alunos e professores aprendem sobre si mesmo e sobre a realidade escolar no ato próprio de avaliação.

Sob essa perspectiva, avaliar deixa de ser um julgamento sobre a aprendizagem do educando, para servir de um momento capaz de revelar o que o mesmo já sabe, e os caminhos que percorreu para alcançar o conhecimento, revelar seus avanços e suas necessidades para que a supere. A avaliação propicia um momento de mudança, progresso, avanço, enfim, aprendizagem. A avaliação é um ato pedagógico, faz parte do processo de aprendizagem, avalia-se para diagnosticar avanços e empasses, para agir, problematizar e redefinir os rumos e os caminhos a serem percorridos.

2.2 Avaliação: novas práticas, novos sentidos

Estamos vivendo um momento de grandes transformações no sistema educacional brasileiro. Mudanças que são reflexo de um acelerado movimento sócio-político-cultural em

todo o mundo. A escola precisa repensar sua prática, sua existência em uma sociedade que se busca construir em sistemas abertos, dinâmicos que se transformam no jogo de suas práticas. A escola precisa se transformar em um sistema onde a essência não é mais predeterminada, mas que se baseiam em desequilíbrios, interações e transformações. (RABELO, 1998)

Neste contexto, é preciso entender que na avaliação o essencial não é mais saber se um aluno merece esta ou aquela nota, este ou aquele conceito, mas fazer da avaliação um instrumento auxiliar de um processo de conquista do conhecimento. Por isso, é preciso parar de pagar a um aluno pelas suas tarefas de aprendizagem. Aprender é um prazer intransferível do ser humano, portanto, não deve ser negociado, não se pode atribuir um valor.

A avaliação é inerente e imprescindível, durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação- reflexão- ação, porque “educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente”. (GADOTTI, p.90, 1998 apud RABELO, p. 11, 1998)

Olhando por este prisma, precisamos fazer com que nossa prática educacional esteja preocupada com a transformação social, é preciso refletir nas decisões do nosso fazer pedagógico. Por isso, a escola não pode continuar trabalhando com verdades prontas e acabadas. Precisa instigar, indagar, o processo avaliativo precisa ser contínuo, valorizando o desenvolvimento do aluno, ao invés de apenas considerá-lo como um instrumento de classificação, para comparar o rendimento do aluno, pois em pouco auxilia na aprendizagem dos mesmos. Contudo, devemos buscar por uma avaliação mais ampla, na qual uma prova, sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula, não seja apenas um dos recursos usados para avaliar o conhecimento de um aluno.

Esteban (2003) declara que é importante discutir a avaliação como parte de um processo mais amplo de discussão de fracasso escolar, os mecanismos que o constituem e possibilidades de reversão desse quadro com a construção do sucesso escolar de todos os educandos, especialmente os de classe baixa, pois são os que cotidianamente vivem o fracasso. A inexistência de um processo escolar que possa atender as necessidades e peculiaridades das classes populares, permitindo que as inúmeras vozes sejam explicitadas e incorporadas, é um dos fatores que fazem com que muitos potenciais humanos fiquem escondidos, sejam desperdiçados. Portanto, o processo avaliativo do resultado escolar de

alunos e alunas está marcado pela necessidade de criação de uma nova cultura sobre avaliação, que ultrapasse os limites da técnica e da ética.

A avaliação escolar, nesta perspectiva excludente silencia as pessoas, as suas culturas e seus processos de construção de conhecimento; desvalorizando saberes e fortalecendo hierarquias que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados [...] A classificação das respostas em acertos e erros, ou satisfatórias ou insatisfatórias, se fundamenta nessa concepção de que saber e não saber são excludentes e na perspectiva de substituição da heterogeneidade real por uma homogeneidade idealizada. (ESTEBAN, p. 15, 16, 2003)

Nessa linha de entendimento, os autores deixam claro a importância e a necessidade de conceber a avaliação como uma incessante busca de compreensão das dificuldades do educando a fim de incitar novas oportunidades de conhecimento, não faz sentido a escola continuar usando a avaliação de forma justificativa, apenas como instrumento de classificação em detrimento de novas possibilidades. Cabe ao educador proporcionar ao educando uma aprendizagem ligada a sua realidade, levando em consideração o seu saber adquirido no decorrer de sua vida de estudante e social. Processo esse que acontecerá a partir de uma ação conjunta que ultrapasse os muros da escola e esteja ligada a vontade de mudar.

Segundo Luckesi (2011) para trabalhar com a avaliação na prática pedagógica, precisamos de uma pedagogia que tenha como fundamento a compreensão de que o ser humano é um ser em processo de formação, em movimento, sempre com a possibilidade de atingir um resultado mais satisfatório. Isto quer dizer que se não aprendeu ainda, pode aprender e se aprendeu consequentemente se desenvolve, basta haver investimento.

Para aprender a agir com a avaliação da aprendizagem, precisamos de colocar em nossa frente esse desejo, tomá-lo em nossas mãos, dedicando todos os dias atenção a ele, agindo, refletindo, fazendo diferente do que já foi feito, em compatibilidade com o que efetivamente significa avaliar. Não basta somente termos uma intenção e o desejo genérico de mudar. Não basta somente gostar da literatura e das conversas sobre avaliação. É preciso decidir investir cotidianamente nessa atividade. (LUCKESI, p. 30, 2011)

Desta forma, ainda que a sala de aula seja constituída pelo movimento, pela surpresa, pela desordem, pelas diferenças, o educador deve atribuir um novo olhar para a prática da avaliação escolar, sobretudo, para os princípios que norteiam esta nova prática, na busca de

investigar, problematizar, emancipar e ampliar perspectivas sobre o educando. É preciso construir uma avaliação capaz dialogar com a complexidade, com multiplicidade de conhecimentos, de garantir direitos iguais a todos, no entanto, reconhecendo as particularidades de cada indivíduo, revelando-se como um instrumento importante para os educadores a favor de uma escola democrática, dispostos a enfrentar novas estratégias diante dos desafios e dificuldades encontradas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma pode-se afirmar que a avaliação não se resume à realização de provas e atribuições de notas e que avaliar através de exame torna-se um processo de controle do que é considerado certo e errado, de tornar-se o centro do conhecimento e o ignorar do que pode ser outra visão do mesmo tema. É uma tarefa didática e permanente do trabalho docente que deve acompanhar o processo de ensino aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto dos professores e alunos deverão ser comparados com os objetivos propostos, a fim de constar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para correções necessárias, ou seja, é uma reflexão sobre o nível de qualidade escolar tanto do professor quanto do aluno.

Desta forma, a avaliação escolar pode ser definida como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos propostos e, a partir de então, orientar a tomada de decisões em relação às atividades seguintes, por isso, nós educadores, necessitamos compreender-la de uma forma reflexiva e abrangente o que queremos avaliar em nossos educandos e, com isso, devemos tomar partido quanto aos processos em estamos inseridos. Para tal, fazem-se cada vez mais necessárias pesquisas que tragam a avaliação da aprendizagem como metodologia visando o processo formativo do educando, trazendo um novo pensar num processo que até então, é tomado como fim e não como método que transpõe todo o período de aprendizagem.

Está na hora de substituir a pedagogia do fracasso e da repetência por uma pedagogia de permanência e sucesso, com oportunidades para todos, utilizando-se da avaliação como um recurso a mais nesta conquista. A escola precisa ser vista como um espaço estimulante, prazeroso, onde os educandos possam construir sua aprendizagem, pesquisando e

reconstruindo, sem medo da avaliação que será realizada pelos educadores e até mesmo pelos próprios educandos. É preciso enxergar a avaliação como um processo natural e necessário para constar, reconhecer o erro, refazer e reconstruir entendendo– a como um desafio a ser superado dia após dia. Aos educadores este é o momento de refletir como o aluno aprende, de instigar, questionar e encorajar- lós, atribuírmos ao ato avaliativo, novas práticas, novos sentidos.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 5ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2003

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. 44ed. Porto Alegre. Mediação. 2014

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**. 33ed. Porto Alegre. Mediação. 2014

LIMA, Adriana de oliveira. **Avaliação escolar: Julgamento ou Construção?** Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1994

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar: Estudos e preposições**. 22 ed. São Paulo. Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. 1ed. São Paulo. Cortez. 2011

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez. São Paulo. 1990

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1998

SANT ' ANNA, Ilza Martins. **Porque Avaliar? Como Avaliar? Critérios e instrumentos**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1995

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 19 ed. São Paulo. Cortez. 1993.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SOBRE OS AUTORES

Sandra dos Santos Souza

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XVII*; Email: Sandra.08santos03@gmail.com

Alexandre Alves da Silva

Mestre em Educação. Docente da Universidade do Estado da Bahia, DCHT, *Campus XVII*. E-mail: alexandrrealves@gmail.com

Gisele Ferreira de Amorim

Esp. Educação Especial e Inclusão Social; EP. Psicopedagogia Institucional e Clínica. Docente da Universidade do Estado da Bahia, DCHT, *Campus XVII*. E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com